

IMAGENS DE APOLO E AFRODITE NOS TEMPLOS CONTEMPORÂNEOS

Fernanda Celinga Siqueira
Michelle Cristina Duarte Gomes Mendes

RESUMO

Essa pesquisa investigou a contribuição do profissional da Educação Física na construção do imaginário corporal em alunos de duas academias de Vitória/ES. Houve um mergulho no universo simbólico nas academias de dois bairros, buscando apreender os sentidos ao acompanhar a relação professor-aluno na musculação. Utilizando a observação e entrevistas semi-estruturadas com quatro alunos de cada academia, confrontados com a entrevista do professor responsável, para a coleta de dado. Ao final, foi concluído que o professor, em sua prática não se opõe a modulação corporal e acaba fortalecendo o imaginário do “corpo perfeito”.

Palavras-chaves: Corpo. Imaginário Corporal. Perfeição Corporal.

ABSTRACT

This research investigated the contribution of the Physical Education professional in the construction of the corporal imaginary of the frequenter of two gyms in Vitória/ES. There was a dive in the symbolic universe in the gyms of two boroughs, searching to apprehend the senses when accompanying the relationship between professional and frequenter in the muscle training. The data collection was made using observation and semi-structured interviews with four frequenters of each gym confronted with the responsible professional. In the end, the conclusion is that the professional, in his practice does not oppose and finally efforts their imaginary of “perfect Body”.

Key words: Body. Corporal Imaginary. Corporal Perfection.

RESUMEN

Essa búsqueda investigó la contribución del profesional de Educación Física en la construcción del imaginario corporal en alumnos de dos gimnasios de Vitória/ES. Hubo un boceo en lo universo simbólico en los gimnasios de dos barrios, procurando apreender los sentidos al acompañar la relación profesor-alumno en la musculación. Utilizando la Observación y Entrevistas Semi-Estructuradas, con cuatro alumnos de cada gimnasio, confrontados con la entrevista del profesor responsable, para la coleta de datos. Al final, fue concluido que el profesor, en su práctica no se opone a la modulación corporal y acaba fortaleciendo lo imaginario de lo “cuerpo perfecto”.

Palabras clave: Cuerpo. Imaginario Corporal. Perfección Corporal.

1. O “Corpo” e consumo em prol deste objeto

O ser humano tem criado formas diferentes de ver e perceber o corpo ao longo dos séculos, desde as culturas primitivas, nas quais o corpo interagia com o mundo de forma

não muito consciente. Tal afirmação se confirma ao recordar a atividade reflexiva defendida por Sócrates que acabou por dividir, o corpo em algo perecível e uma alma imortal.

Na Idade Moderna, com o advento da ciência experimental, o corpo passou a ser considerado um objeto de conhecimento, através do qual poderiam ser analisadas as relações de causa e efeito inerente à 'máquina orgânica' _ o corpo (FOUCAULT, 1997). Descarte (exponente pensador moderno) acreditava que o corpo proteger-se-ia dos enganos e dos transtornos através da Razão, e uma pequenina glândula no cérebro faria a conexão segura entre o corpo e alma (GALLO, 1997). Assim, o corpo ficava a cargo dos cientistas e a alma era algo de responsabilidades filosófica.

Nessa delimitação do corpo como algo submisso e manipulável, pode-se visualizar cada vez mais a ação da disciplina corporal que estabelece cada uma das relações que o corpo deve manter com o objeto que manipula, estabelecendo uma cuidadosa engrenagem entre um e outro, constituindo um complexo corpo-instrumento, "corpo máquina".

Pensando de acordo com Canguilhem (2001), os corpos e suas funções poderiam ser considerados normais enquanto fossem independentes dos efeitos colaterais que produzissem, e quando se define 'o normal' a inspiração se baseia em um "Ideal de perfeição". Assim, a normalidade e ideais de perfeição começaram a sofrer inúmeras investigações, profundas e minuciosas no objeto 'corpo', o que Foucault chamaria de "esquadrinhamento".

Neste sentido, é possível identificar que o estatuário greco-romano apareça, até hoje, como um modelo de perfeição que reproduz algo, que alguma vez, deveria ter sido o corpo de um deus ou uma deusa, isto é, um narcisismo exarcebado, uma máquina perfeita em seus detalhes e nas suas expressões musculares, algo divino.

Foucault dizia que à disciplina é um método de fabricação de indivíduos, utilizando uma técnica subjetiva e invisível de poder, o que torna os indivíduos manipuláveis. É essa técnica que decompõem e recompõem as atividades com o intuito de adicionar e capitalizar o tempo em segmentos sucessivos ou paralelos, organizando-as para a construção dos 'corpos de Apolo e Afrodite' _ conhecidos deuses ícones da beleza.

Contudo, a disciplina não é uma mera arte de repartição de corpos, mas compõe forças para obter um aparelho eficiente à "máquina perfeita". O corpo torna-se um elemento, que se move, coloca e articula com outros; e esse mesmo corpo se constitui como uma máquina multisegmentar onde cada série é devidamente específica para o seu melhor desempenho.

Neste contexto, deve ser destacada a nova maneira de punir através de regras que têm a função corretiva. As regras, também visam equiparar os indivíduos e seus desempenhos singulares transformando-os em desempenhos de grupo, que, simultaneamente, é tempo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra seguida. Essa coerção atravessa todos os pontos, controlando todos instantes das instituições disciplinares; compara, diferencia, hierarquiza, exclui, *normaliza*.

Através dessa nova percepção de corpo, iniciou o processo de diluição da identidade pessoal, na qual os indivíduos almejam tornarem-se modelos de representação da dita *perfeição corporal*, de *Outro corpo*, caracterizando o "culto ao corpo". Esse corpo é normalmente colocado como um *alter ego* consagrado na sociedade, uma auto-admiração. Sendo assim, há uma fragmentação do corpo de tal forma que o organismo perde sua totalidade, podendo ser afirmado que as peças dessa

máquina perfeita são substituíveis. É o “enquadramento do físico” destacado por Bertolli Filho (2004).

Mediante a influência que o corpo pode sofrer e a capacidade comunicativa e apreciadora que a imagem de perfeição gera, instaura-se uma busca incessante por um corpo eficiente cuja ênfase é dada ao indivíduo, como se ele não fosse um membro da sociedade passível de interferências culturais. O desejo intrínseco ao indivíduo de ter um corpo é despertado.

Miriam Goldenberg (2002) nos revela que há um atual culto ao corpo na cultura brasileira diante dos significados atribuídos pelos indivíduos à aparência e à forma física no processo de revelação de suas identidades. Assim, o corpo passa a ser forma de expressão em detrimento ao enfraquecimento dos meios tradicionais de identidade (família, religião, política, trabalho, entre outros).

O imaginário técnico-científico corrobora com essa reconstrução do corpo humano e permite a impregnação da vontade de se transformar em algo quase que cibernético, é o desejo do consumo despertado pela “indústria cultural” (BOSI, 1986). Diante da histeria dessa sociedade hedonista, que vive em busca de um corpo imaginário, o corpo passa a ser uma vitrine e a busca da “eterna juventude” tornasse significado de prestígio social.

Por intermédio de diversos recursos como cinema, televisão, publicidade e revistas, a “indústria cultural” recorre à idéia da feiúra como algo a ser curado e a beleza como uma conquista a ser preservada mediante ao consumo, seja de medicamentos ou atividades físicas (GOELLNER, 2003). Como se fosse capaz de consumir um corpo.

A “redescoberta” do corpo, convencionalmente chamada de “boa forma”, exige dos indivíduos um autocontrole de sua aparência física gerada pela quase que constante exposição de si, uma exposição de ordem fundamentalmente estética. Logo, apesar da aparente liberdade devido ao desnudamento e exposição corporal aos outros, o corpo está constrangido por regras interiorizadas e coberto por signos distintos, ligados a perfeição.

O corpo virou um objeto de consumo enfatizado pela publicidade crescente, e, com isso, observamos a proliferação de um mercado totalmente voltado ao melhoramento de si mesmo. Seria uma espécie de higiene pessoal elevada ao radicalismo, não sendo suficiente fazer o mínimo, necessita-se do máximo de esforço.

No desenvolvimento dessa sociedade, governada pelas sensações, nada pode ser significativo caso não seja feita de si uma propaganda. A “onipotência do pensamento”, ou seja, a onipotência do desejo sobre a realidade, do pensamento sobre o ato. Assim, como afirma Türcke (*apud* KUIN e PUCCI, 2004) o lema secreto da sociedade contemporânea que vangloria a sensação é tornar-se, fundamentalmente, alguém que ocupe o centro das atenções.

Entretanto, devemos concordar com o pensamento de Goellner (2003) e pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura, visto que ele é contido e conferido por diferentes marcas em diferentes tempos, espaços e conjunturas sócio-econômicas, grupos étnicos, enfim influências do meio onde está inserido. Portanto, o corpo é submetido a inúmeras intervenções, e estas estão em consonância com a cultura em que ele está contido.

2. Corpo e educação Física?

Nesse trabalho, pode-se perceber que o corpo está muito exposto e exaltado nas suas formas, motivo pelo qual ressalta suas bases científicas, biológicas e fisiológicas; mesmo tendo a certeza que o corpo não é dividido em partes isoladas. A “biologização” do corpo é muito explorada pelos meios de comunicação e através deles os discursos de saúde, atividade física, moda, dieta e cirurgias plásticas são transmitidos e até incorporados pela maior parte da população. Esse sutil e alienador poder que o corpo exerce sobre a sociedade do século XXI é cada vez mais centralizado, disseminado e fomentado.

Acredito que a grã contribuinte dessa deturpação do corpo é a crescente tecnologia da informação, que desperta uma necessidade de consumo sobre o corpo, como um mero objeto a ser modulado. Essa banalização se encontra marcante em todos os meandros da sociedade brasileira, principalmente quando referimo-nos à Educação Física.

A proporcionalidade das formas físicas e a harmonia entre elas aparecem como requisitos construtivos dos padrões e critérios de beleza pelos quais são julgados os indivíduos. E, na atual conjuntura, para ser belo tem que fazer exercícios físicos, abandonar os velhos hábitos que deformam o corpo, como espartilhos e cintas, pois a beleza exige movimento (GOELLNER, 2003). Assim, associamos a perfeição corporal às famosas e populares revistas de atividade física onde o corpo é fotografado, desenhado, em diferentes espaços, possibilidades e vestes. O movimento do corpo passa ser, a partir da ênfase a exposição, um aspecto de aparência que significa poder, modo de ganhar dinheiro ao se exhibir.

Pode-se perceber então que, o corpo está passando por uma reversão de valores diante da crescente cultura de consumo e da evolução das tecnologias para aprimoramento do ser. Compreende-se que a obsessão pelo consumo do corpo desencadeou uma dominação da ideologia do “corpo saudável”. E quanto mais próximo o corpo estiver da imagem ideal, mais elevado será seu valor e poder, o *status*, e “o corpo” adota um significado de artefato, de representação estética.

Diante deste culto, existe um templo, dedicado à adoração do corpo. E, na atualidade, estes *templos* são nomeados de *Academias*, onde são defendidos os direitos narcisistas do indivíduo, podendo salientar músculos, usar roupas coladas nas formas musculares e obter o reconhecimento da beleza, calcado no padrão da cultura urbano. Gontijo (*apud* GOLDENBERG, 2002) crê que nas academias situadas no Brasil possa ser um lugar específico de construção cultural de significados corporais, visando à divulgação de um padrão idealizado de corpo.

Respaldadas por essa ideologia de culto a si, as academias são um mercado muito explorado pelo consumidor frívolo pela transformação do seu corpo, pela manutenção da falseada ‘saúde’. Nesses locais, a corpolatria¹ encontra um campo crescente, principalmente na sala de musculação, local que o contato professor-aluno se dá de forma individualizada possibilitando a elaboração de programas de treinamento que atendam os anseios dos alunos. O corpo acaba sendo limitado a uma concepção de corpo formado e atravessado por paradigmas da ditadura tecnológica e cultural de padronização.

Daolio (1995) chama a atenção para os profissionais da educação física, pois estes trabalham com o ser humano sobre e através do seu corpo, salientando a importância da reflexão sobre este tema. Contudo, atualmente, o pensar Educação Física está agregado

¹ Termo utilizado por Codo e Senne (2004) para designar o culto do corpo.

aos meios de comunicação difundidos e, infelizmente, estes constroem um imaginário na sociedade quanto a profissão, que muitas vezes está ligado á questões esportistas e de lazer.

Le Breton (2003) nos chama atenção para os instrumentos aeróbicos e de musculação informatizados e aperfeiçoados para facilitarem a remodelação do corpo-objeto, peça por peça, vangloriando o “hino aos músculos”, construindo seu coro de maneira a assemelhar-se ao anatomista meticuloso, “preso apenas à aparência subcutânea”.

Esse praticante da musculação forja um corpo trabalhando sucessivamente feixes musculares segundo uma norma analítica e cuidadosa, construindo novos limites físicos através das repetições. O corpo assume significado de segunda pele, uma sobrecapa que o protege do universo, do olhar dos *Outros*. Desta forma, encontramos a dor como enfrentamento simbólico do limite, pois há uma identidade a ser construída (LE BRETON *apud* LE BRETON, 2003).

3. Mergulhando na Academia, o cenário da pesquisa

Essa pesquisa buscou entender a contribuição do profissional de Educação Física na construção do imaginário corporal consumista de indivíduos que transformam o corpo. Para que tal objetivo fosse alcançado, houve a análise dos diálogos do profissional de Educação Física com os seus alunos nas salas de musculação, relacionando as falas de ambos com o imaginário perfeccionista; procurou-se investigar os entrevistados identificavam as transformações corporais em si; e ainda, buscou-se compreender os autoconceitos dos indivíduos, principalmente sobre o corpo.

Para atingir tais metas propostas, o caminho metodológico escolhido foi uma Pesquisa de Campo, a qual contou com Observação Descritiva e Entrevistas Semi-Estruturadas em 02 (duas) academias da cidade de Vitória, uma localizada em local com moradores de poder aquisitivo alto e outra localizada em bairro de poder aquisitivo médio/baixo, de acordo com dados da Prefeitura de Vitória, nas quais haviam profissionais formados em Educação Física a nível superior atuando na sala de musculação.

No que diz respeito à Observação Descritiva a pesquisa se deteve aos participantes de musculação de ambos os sexos em uma sessão de 02 (duas) horas, em um dia da semana, durante o período de 08 (oito) semanas. Nessas sessões foram tomados como dados: comportamento do professor enquanto orientador das práticas; comportamento dos alunos diante do professor (se seguem ou não suas orientações); relação professor/aluno; relação professor/professor (caso haja mais de um profissional); relação aluno/aluno. Tais dados foram coletados em diário de campo e no gravador.

Quanto a Entrevista Semi-Estruturada, foi entrevistado 01 (um) professor de cada academia que estivesse presente no horário da coleta dos dados. Quanto aos alunos, foram entrevistados 04 (quatro) de cada academia, sendo 02 (dois) de cada gênero, e estes deveram ter declarado pelo menos 02 (dois) anos de prática regular de musculação_ no caso de um elevado número de indivíduos, optou-se pelo sorteio. As entrevistas foram gravadas e transcritas; e a análise dos dados foi feita de forma qualitativa, sendo que os dados foram organizados em categorias de análise e interpretados de acordo com a literatura.

4. Desvelamento dos resultados

Considerando o objetivo do estudo, que é o profissional de Educação Física e a sua relação na sala de musculação para contribuir ou não com o imaginário dos alunos quanto ao culto a um corpo padrão, o primeiro impasse foi delimitar este universo. A escolha dos locais de pesquisa foi determinada pela proximidade dos bairros com a UFES e a diferença de habitantes de poder aquisitivo segundo dados levantados junto a Prefeitura do município de Vitória/ES. No entanto, era imprescindível que na academia atuasse profissional Educação Física formado a Nível Superior.

Neste trabalho houve um mergulho no universo simbólico criado *dentro* das academias, buscando apreender os sentidos ao acompanhar os processos decorrentes da relação professor-aluno, existente na musculação, durante o período de oito semanas. Assim sendo, tudo que foi possível captar, cores, gestos, sons, posturas, movimentos, ambientes, serviu como objeto na perseguição do “dizer” dessa relação. Isto porque, os corpos e os objetos, falam, apresentam suas lógicas próprias, na medida em que são produções sociais, neste processo de decifração e explicitação dos sentidos, conforme Ferreira & Eizirik (1994).

Foram visitadas 2 (duas) academias, uma localizada na Praia do Canto e outra em Maruípe. As coletas da pesquisa ocorreram em dois períodos distintos, o primeiro momento se deu entre os meses de outubro e novembro de 2007 na Praia do Canto, enquanto que o segundo se deu entre os meses de fevereiro e março de 2008, em Maruípe. Tal distinção se deu devido à ausência de professor formado a nível superior em uma das academias, tendo que aguardar a contratação.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados: a aplicação de questionários fechados, a observação descritiva e entrevistas semi-estruturadas. Especificamente quanto à observação descritiva, tivemos a pretensão de observar e descrever o comportamento do professor, o perfil, vocabulário e verbalização, comportamento entre professores e comportamento aluno-professor.

Os dados foram colhidos durante 8 (oito) visitas, realizadas uma vez por semana durante 3 (três) horas contínuas todas as sextas-feiras no horário matutino, no caso das duas academias. A coleta de dados dividiu-se em duas fases: a primeira com um questionário fechado, para traçarmos o perfil das turmas observadas, e a realização de entrevistas gravadas com o grupo selecionado a partir da primeira.

O questionário fechado, denominado de Testagem Diagnóstica, foi aplicado à grande parte dos alunos que estavam se exercitando no horário observado durante a quarta e quinta visita. Este questionário foi constituído pelos seguintes indicadores: idade; sexo; bairro de residência; tempo de prática de Musculação; duração da Atividade e renda familiar. Assim sendo, responderam á testagem diagnóstica 40 alunos da academia X e 20 alunos da academia Y.

Já a entrevista semi-estruturada teve como atores 5 (cinco) membros de cada academia, sendo 1 (um) professor do horário, e quatro alunos, dos quais 2 (duas) eram mulheres acima de 15 (quinze) anos e 2 (dois) eram homens acima de 15 (quinze) anos. Estes alunos também tinham mais de 2 (dois) anos de prática de atividade física na musculação regularmente.

Após a coleta dados, o passo seguinte foi tabular as informações obtidas com o questionário fechado, estabelecendo percentagens para estas; e categorizar as entrevistas realizadas. O critério para a análise das entrevistas privilegiou as falas dos professores e alunos gravadas, justamente pela maior densidade de informações contidas. Essas informações foram cruzadas com a observação e revisão de literatura.

Todas as entrevistas foram realizadas na própria academia, pois os participantes não tinham a interesse em receber a pesquisadora em outro local. Quanto à identidade dos entrevistados, para preservá-las, foram utilizados outros nomes fictícios, sem nenhuma correlação com os nomes verdadeiros. Contudo, todos os alunos, inclusive os professores, não manifestaram interesse em serem fotografados.

Aos entrevistados, basicamente, foram perguntados sobre as compreensões de saúde e estética, quais os indivíduos que eles valorizam quanto à beleza e o que eles já fizeram para ficarem belos, e, por fim, o que fazem atualmente para o cuidado do corpo. Quanto aos professores entrevistados, além das questões anteriores, estes foram arguidos sobre como eles lidavam com os alunos e como reagem aos alunos que desejavam modificar seu corpo a todo custo.

Em consenso com o orientador, foram entrevistados primeiro os alunos e, posteriormente, os professores para que se confrontassem os dados analisados entre as entrevistas, assim como a observação descritiva dos fatos. A partir de então, houve categorização o dado de acordo com cada academia, o que possibilitou evidenciar melhor as diferenças e aproximações existentes nos dois grupos da pesquisa.

4.1. Os cenários da pesquisa

A academia que foi denominada de Academia X localizava-se na Praia do Canto; fluxo de alunos fluía aproximadamente entre 800 a 1000 alunos, e a mensalidade girava em torno de R\$ 215,00 (duzentos e quinze reais), em 2008. Seu espaço físico era composto por uma ampla sala de musculação, uma sala de aparelhos ergométricos, duas salas de ginástica, uma sala de Bike, uma sala de avaliação, sala de nutrição, recepção com elevador privativo e estacionamento. Além disso, pode ser observado que nessa academia existiam muitos profissionais dando o trato personalizado, isto é, *personal training*.

A Testagem Diagnóstica revelou que a academia X era composta por 54,3 % homens e 45,7% mulheres na sala de musculação, no horário em que era feita a coleta dos dados. Ainda, 43% residiam na Praia do Canto, 17% em Jardim da Penha, 15% na Mata da Praia e na Ilha do Frade, e 25% em outras localidades mais distantes, como Jucutuquara, Bento Ferreira e Jacaraípe, bairros estes de poder aquisitivo alto. O público desse horário tinha idade bem diversificada, entre 20 e 45 anos, no entanto, 51,5% tinham entre 30 a 39 anos, 42,9% entre 20 e 29 anos, e apenas 5,6% acima de 40 anos. Estimou-se que 60% dos participantes da amostragem praticavam musculação a mais de 2 (dois) anos ininterruptos. Este grupo se exercitava no máximo até 2 (duas) horas na academia e 52,8% afirmaram ter renda superior a 11 (onze) salários mínimos.

Quanto à academia denominada de Academia Y, situada em Maruípe, continha um fluxo aproximado de 300 a 400 alunos, e a mensalidade custava R\$62,00 (sessenta e dois reais), em 2008. Compunham a academia um estacionamento, a recepção integrada a sala de musculação, sala de ginástica e sala de lutas. Nessa academia, houve o aparecimento do professor provisionado, isto é, o professor credenciado pelo Conselho de Educação Física, mas não é formado a nível superior, mas possui um conhecimento prático.

A Testagem Diagnóstica revelou que na Academia Y o número de mulheres equivalia a 75% e apenas 25% eram homens na sala de musculação. A grande maioria residia em bairros próximos como Bonfim (12,5%), Bairro da Penha (12,5%), Andorinhas (12,5%), São Benedito (12,5%), Itararé (12,5%), Goiabeiras (12,5%) e 25% residiam no próprio Bairro de Maruípe, bairros estes de poder aquisitivo médio/baixo.

O público observado tinha idades entre 25 e 35 anos bem distribuídas. Os alunos componentes deste 37,5% faziam Atividade Física a menos de 1 (um) ano, 25% fazia atividade física há 1 ano e 37,5% já exercitava-se a mais de 2 anos ininterruptos. Neste mesmo grupo, 75% faziam exercícios entre 1 e 2 horas. Quanto a renda familiar 50% afirmou ter renda entre 3 (três) e 5 (cinco) salários mínimos e 50% afirmou ter renda entre 6 (seis) e 7 (sete) salários mínimos.

4.1.1. Academia X _ O templo burguês

Os alunos da Academia X pareciam ser unânimes quanto à idéia de usar roupas de grifes esportivas evidentes na mídia. As mulheres se maquiavam, já que a academia possuía ar condicionado em todos os ambientes; mostravam muito seu corpo utilizando roupas bem decotadas, shorts, tops e o tênis de marca, sempre combinando. Quanto aos homens, o vestuário era mais despojado, mas o que marcava era a exposição dos braços e tronco. Tanto para homens e mulheres pareciam vigorar uma regra implícita, quanto mais definido fosse o corpo, menor seriam o tamanho das peças ou mais justas deveriam ser.

O grupo entrevistado da academia X era constituído por 2 (duas) mulheres, “Bárbara” de 38 anos e “Priscila” de 28 anos, e por 2 (dois) homens, “Diogo” com 34 anos e “João” de 23 anos. A aluna “Bárbara” era casada, tinha 1 (um) filho, empresário e residia na Ilha do Frade; “Priscila” era divorciada, tinha 4 (quatro) filhos, psicóloga e residia na Mata da Praia. Já “Diogo” era solteiro, sem filhos, empresário e residia em Jardim da Penha, enquanto que “João” era solteiro, sem filhos, estudante de Direito e residia na Praia do Canto. Todos os participantes malhavam a mais de 2 (dois) anos e freqüentavam a academia por no mínimo quatro vezes na semana. Já o professor, “Tadeu”, tinha 28 (vinte e oito) anos e trabalhava nesta empresa a 6 (seis) anos, somente na sala de musculação.

Nas entrevistas, todos foram questionados sobre o conceito de Saúde que eles compreendem; o conceito compreendido sobre a estética; a percepção que têm sobre “corpo padrão”, autopercepção do corpo; e satisfação corporal.

Quando foi questionado aos alunos sobre o que eles compreendiam por Saúde, foi obtida uma resposta quase que unânime, a saúde relacionada ao bem-estar emocional, físico e psíquico. Tal conceito tem uma origem baseada na área própria área da Saúde (como Medicina, Psicologia, Enfermagem), discurso disseminado pelos meios de comunicação, e totalmente coerente com a fala do professor “Tadeu”. No entanto, este mesmo professor promovia programas de treinamento que poderiam levar até o “*over training*”². Além disso, alguns alunos discriminavam as orientações do professor e este os deixava bem à vontade, sem um acompanhamento mais próximo, permitindo que realizassem programas exaustivos sem sua supervisão.

Ao perguntar sobre o que compreendiam sobre estética, houve uma divergência de pensamento, enquanto “Bárbara”, “Priscila” e “João” acreditavam que a estética é um conceito subjetivo de beleza, “Diogo” compreendia por estética o que estava em evidência em um determinado momento nos meios de comunicação. Esta última compreensão demonstra o poder que é mantido pelo imaginário do corpo padronizado

² Over training é um termo usado para designar um excesso de treinamento. Ocorre quando a pessoa treina de forma inadequada, não respeitando os intervalos ou tempo de recuperação. Este exagero poderia ser evitado com um bom planejamento em relação a volume, intensidade e pausas de recuperação dos treinos.

criado pela mídia (CHAVES, 1999). Tadeu mostrou certa lamentação por essa banalização da beleza, lamentando que as pessoas venham procurar estética em primeiro lugar e depois qualidade de vida, e não ao contrário.

Os alunos também demonstraram a sua percepção do corpo padrão bem semelhante ao gostarem de corpos exercitados que aparentam musculatura hipertrofiada. O professor Tadeu comentou que tem dificuldades em conversar com os alunos sobre essa temática, pois ele não é o ícone representativo de corpo saudável, assim os alunos o viam como um instrutor capaz de auxiliá-los nessa empreitada, independentemente do que ele pense.

A autopercepção do corpo foi evidenciada tanto nas falas quando nos comportamentos. A insatisfação com o próprio corpo, marcada principalmente entre no público feminino, como se tivessem algo a corrigir, algo que não estivesse certo. Tanto “Priscila” como “Bárbara” gostariam de aumentar as suas dimensões glúteas e hipertrofiar coxas, já o “Diego” gostaria de ter uma panturrilha maior e um dorsal mais definido. O “João” não demonstrou muita preocupação, afirmou que o corpo é algo secundário nesse momento em sua vida. Entretanto, ele afirmou que teve sua fase de valorização do corpo, pois aos 18 anos chegou a utilizar anabolizantes, cumpria uma rigorosa alimentação e se exercitava todo dia, inclusive aos fins de semanas. Mas relatou que a, aproximadamente, 2 (dois) anos não faz o usos nem de suplementos.

Apesar de todos os entrevistados responderem que estavam satisfeitos com o seu corpo, todos, sem exceção, manifestaram um desejo de mudar algo no seu físico. Ainda pude constatar nas falas uma tênue ligação entre satisfação e privação, isto é, para que houvesse satisfação com o atual corpo, algumas privações alimentares seriam necessárias, cuidados com o sono e certa utilização de cosméticos, visto que, corpo está marcado pelos projetos de construção, os cuidados dedicados a ele e a liberdade que ele traduz (LE BRETON, 2003).

Ao arguir o professor do horário sobre como ele se lidava com os alunos que estariam dispostos a utilizar diversos métodos para alcançarem o corpo almejado, ele respondeu que até tentava conversar com o aluno, contudo como o acesso a tais medicamentos está muito fácil, o aluno perde o medo e acaba utilizando. Também pode perceber-se que o professor “Tadeu” se sentia impotente diante da comercialização do corpo, mas, este mesmo professor não conseguia abordar o aluno com argumentos convincentes e se acomodava.

Ao observar os dados levantados na Academia X pode-se perceber que, neste local, o profissional não tem um papel tão ativo na construção do Imaginário Corporal. Entretanto, observamos que há uma passividade desse profissional sobre esse assunto junto aos alunos, simultaneamente em que utiliza programas que atendam as expectativas destes clientes.

Creio que essa passividade esteja inteiramente ligada a lógica de mercado em academia, visto que o professor se mantém no emprego por gerar a satisfação em seus alunos, desconsiderando, muitas das vezes, o trato com o aluno e os métodos. É a visão capitalista da maioria dos proprietários e coordenadores de Academias.

Os dados dessa academia se aproximam da reflexão da autora Miriam Goldenberg (2002) que acreditava ser nas camadas mais sofisticadas dos grandes centros urbanos que a valorização do corpo já estava muito aflorada, logo são vastos e relevantes os significados atribuídos pelos indivíduos à aparência e à forma física no processo de revelação de suas identidades.

4.1.2. Academia Y_ O Templo mais Simples

Na observação dos freqüentadores da Academia Y, constatou-se que estes se vestiam de forma mais à vontade e menos preocupados com marcas, combinações e cores, utilizavam camisas largas e roupas folgadas. Conversavam muito entre si e brincavam de forma descontraída.

O grupo analisado na academia Y foi constituído por “Solange” de 32 anos, casada e mãe de 3 (três) filhos, “Maria” de 26 anos, casada e mãe de 2 (dois) filhos, “Edmundo” de 43 anos, divorciado e com 1 (um) filho, e “Ronaldinho” de 30 anos, solteiro e sem filhos. A professora do horário era a “Irene”, ela trabalhava a 15 (quinze) anos na academia, e também era proprietária dessa empresa.

Ao questioná-los sobre saúde, assim como os participantes da academia X, os entrevistados concordaram quanto ao conceito sobre Saúde como sendo um *“um conjunto muito além da doença, agrega bem-estar físico, psíquico e emocional”* (professora Irene).

Porém, ao argüir os participantes sobre a compreensão de estética foram encontradas falas diferentes, isto mostrou como esse conceito é entendido de maneira muito diversa, influenciada pelo imaginário construído sobre este termo. “Solange” e “Ronaldinho” acreditavam que estética estava inteiramente associada á beleza, enquanto que “Edmundo” e “Maria” pensavam que estética estava inteiramente ligada á uma beleza padronizada, uma lei, pensamento este que comungava também a professora “Irene”.

A diversidade de pensamentos ficou ainda mais evidente quando foi analisada a percepção de corpo padrão. “Solange” acreditava que o padrão era o corpo loiro e esguio, já “Maria” pensava que o corpo moldado, sarado e cheio de curvas era o corpo idealizado. Contudo, tanto “Edmundo” quanto “Ronaldinho” viam o corpo definido como o ideal para o público masculino, realçando principalmente os braços.

“Irene”, que havia sido árbitra de fisiculturismo no Espírito Santo por 10 anos, confessou que o que achava bonito nem sempre é bem visto aos olhos de pessoas que não vivem nesse meio, assim os corpos ditos belos na academia, para ela sempre apareciam portar um defeito, sempre faltava algo, demonstrando que o padrão corporal por ela pensado estava regado de um perfeccionismo totalmente ligado a sua prática como árbitra.

No quesito da autopercepção do corpo ficou evidente a partir das falas dos alunos entrevistados a questão da saúde. Porém, após observá-los pode-se perceber que todos almejam melhorar algo em si, seja para agradar o companheiro (a), como para chamar a atenção do sexo oposto. *“Um processo de metamorfose lenta”* (Irene).

O que mais surpreendeu na entrevista com a professora foi quando questionada sobre a utilização de anabolizantes pelos alunos, e ela respondeu que não indicava o anabolizante, recomendava uma boa alimentação e suplementos, entretanto afirmou que os alunos tomavam porque dentro da academia tinha gente que vendia. “Irene” salientou que não permitia a venda dentro da academia, e por tal motivo, muitos utilizavam os carros no estacionamento. *“Quem quer comprar já sabe quem vende por aqui”* (“Irene”).

A professora relatou não conversar sobre o assunto com os alunos, apenas dizia não. Não abordava os alunos que ela sabia que estavam utilizando medicamentos com alertas de saúde ou questões mais técnicas de metabolismo para elucidá-los, dizia que eles não a ouviam mais.

Assim como foi percebido no primeiro cenário da pesquisa, a satisfação no que diz respeito ao corpo está em uma correlação como a percepção de corpo padrão e a

autopercepção do corpo, isto é, que tipo de corpo estava sendo desejado e estipulado como modelo e o que estava sendo percebido do próprio corpo. Assim, a satisfação está inteiramente relacionada ao quanto o corpo presente se aproxima do desejado (LE BRETON, 2006). Todavia, o grupo pesquisado da Academia Y reconhecia as dificuldades de obterem o corpo que eles acreditavam ser perfeito, porque nem todos estavam dispostos a se submeterem a certas privações como o grupo analisado na Academia X.

5. O caminho percorrido e os resultados alcançados

Nesta caminhada concluiu-se que o profissional de Educação Física tem contribuído ativo e/ou passivamente para o culto ao corpo. Sobre a égide da saúde, propicia a possibilidade de alcançar um corpo padronizado, símbolo de um poder intrínseco de aceitação, apesar de discursar em oposição desta valorização demasiada do físico. Tal conclusão pode ser tomada a partir da análise das falas e a observação da prática dos profissionais.

Percebeu-se, ainda, que quanto mais os alunos tivessem poder aquisitivo maior mais eles encontravam-se imersos na teia de valorização do corpo como afirmaram Goldenberg e Ramos (*apud* Goldenberg, 2002). Este fato se confirma ao pensarmos que a manutenção do corpo com suplementos, anabolizantes e produtos anfetamínicos, todos de alto custo.

Pode ser constatado pela maioria das falas dos alunos da Academia Y, que, apesar de reconhecerem que estão longe dos corpos desejados, eles têm uma maior aceitação de si que os alunos da Academia X. E, para essa realidade estudada, interpretou-se que os alunos de classe mais abastada têm o corpo como alvo constante de modificação em prol do *Outro*, uma espécie de manipulação de si para impressionar alguém ou um grupo (Le Breton, 2003). Enquanto que o grupo analisado da Academia Y, sem deixar de lado as questões de saúde e beleza, são menos consumistas de um “*corpo perfeito*”, aceitam mais seus “*defeitos*” por não estarem dispostos a pagar um alto custo por um corpo não tão valorizado em seu meio social.

Mesmo, sendo algo intrínseco ao profissional da sala de musculação, a academia é recheada de sinais que elevam o “*alter ego*” dos corpos definidos e desenhados. Esse mesmo profissional, simultaneamente, em que é agente propiciador de uma de uma beleza simbólica, produzida por um Imaginário Social, se torna uma vítima do mercado. Quem opta por trabalhar na área voltada à academia, expõe-se a sustentar um corpo belo e/ ou atender aos anseios dos alunos de forma eficaz e eficiente em prol de um “*corpo padrão*”.

Seria ideal que o profissional pudesse alertar os alunos do crescente mercado das academias sobre maneiras de aceitação de si e não valorizar demasiadamente um corpo mítico. Contudo, é utópico esse pensamento, uma vez que os alunos já trazem consigo pré-concepções muito fortes e bem sedimentadas em seu imaginário quanto ao corpo.

Deve-se destacar também que estamos diante de uma época que qualquer adiposidade, por mais ínfima que seja, é suficiente para minar uma percepção positiva do corpo. Se por um lado há uma valorização da exposição do corpo, também há uma ênfase para que este esteja “*pronto*”, “*malhado e sarado*”, um eufemismo para “*perfeito*”.

O corpo na academia torna-se um espetáculo e, ao mesmo tempo, comanda-o. Não é mais um corpo coberto pela modernidade, é um corpo desnudo, apresentado para que

os *Outros* o admirem e o contemplem, tornando-se um capital rentável e sem fronteiras, cercado de enormes investimentos e recursos, se aproximando muito das relações de sucesso profissional e pessoal (GOLDENBERG, 2002).

No centro deste turbilhão que estão os profissionais de Educação Física, às vezes hipnotizados demais, às vezes encarando a esfinge e tentando encontrar sentidos no caos da nossa profissão. Para tanto, espera-se que esse material empírico sirva como instrumento da avaliação dos próprios graduandos de Educação Física, possibilitando que haja discussão sobre a futura atuação profissional em academias, e até mesmo podendo influenciar o comportamento dos próprios profissionais já atuantes.

6. Referências

- BERTOLLI FILHO, Cláudio. *Corpo, cultura e memória: depoimentos de universitários*. Bauru: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2004.
- BOSI, Ecléia. *Cultura de massa e cultura popular : leituras de operárias*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o patológico*. 5 ed. Rio de Janeiro: Florense universitária, 2002.
- COSTA, Eliane M. B. VENÂNCIO, Silvana. *Atividade Física e Saúde: Discursos que controlam o corpo*. Pensar a Prática 7 (1): 59-74. Mar. 2001.
- CODO, W.; SENNE, W.A. *O que é Corpo (latria) ?*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papyrus, 1995_ (Coleção Corpo e Motricidade). Ano 2. N. 2. Junho/95, p.24-28.
- FERREIRA, Nilda Teves; EIZIRIK, Marisa Faermann. Educação e Imaginário Social: revendo a escola. *Em aberto*, Brasília. Ano 14, n. 16. Jan/mar. 1994. p. 5-12.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: histórias da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GALLO, Sílvio. *Ética e Cidadania: caminhos da filosofia: elementos para o ensino da filosofia*. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p.61-64.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Unjuí, 2003.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guaciara Lopes, NECKEL, Jane Felipe e GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis _ RJ: Vozes, 2003, p.28-71.
- GOLDENBERG, Mirian *et al.* (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e Sociologia*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- ZUIN, A.A.S.; PUCCI, B; NEWTON, R.O. *et all. Ensaios Frankfurtianos*. São Paulo: Cortez, 2004.

Fernanda Celing Siqueira
Rua Doutor Azambuja, 38, aptº601, Centro, Vitória –ES
Cep 29015-070
nanda_celsyz@yahoo.com.br

Michelle Cristina Duarte Gomes Mendes
Rua Santa Tereza, 237, Vila Capixaba, Cariacica –ES
Cep 29148-070
michelle.prof@gmail.com

Recurso necessário: Data-Show